**Dewey**

**A experiência estética**

**– Arte como Experiência –**

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. Muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. As coisas são experimentadas não de modo a se comporem em uma experiência *singular*. (...) Em contraste com essa experiência, temos uma experiência *singular* quando o material vivenciado faz o percurso até a sua consecução. Então, e só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Concluiu-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação, seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, conduzir uma conversa, escrever um livro ou participar de uma campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si um caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de *uma* experiência. (...)

A emoção é o sinal consciente de uma ruptura real ou iminente. A discórdia é o ensejo que induz à reflexão. O desejo de restabelecimento da união converte a simples emoção em um interesse pelos objetos, como condições de realização da harmonia. Com a realização, o material da reflexão é incorporado pelos objetos como o significado deles. Uma vez que o artista se importa de modo peculiar com a fase da experiência em que a união é alcançada, ele não evita os momentos de resistência e tensão. Ao contrário, cultiva-os, não por eles mesmos, mas por suas potencialidades, introduzindo na consciência viva uma experiência unificada e total. (...).

A conclusão não é que a fase emocional, passional, da ação possa ou deva ser eliminada em nome de uma razão fria. Mais “paixões”, não menos, é a resposta. (...) Racionalidade, mais uma vez, não é uma força evocada contrariamente ao impulso e ao hábito. “Razão”, como substantivo, significa a feliz cooperação de uma multiplicidade de disposições, como simpatia, curiosidade, exploração, experimentação, franqueza, perseverança – para seguir as coisas pensadas –, circunspecção, para olhar o contexto, etc., etc. (...) A razão, a atitude racional, é a disposição resultante, não um antecedente pronto que pode ser invocado à vontade e posto em movimento.